

## UMA QUESTÃO DE COR: MULHERES NEGRAS, REPRESENTAÇÕES E AFETIVIDADE

Luana Franciele Miranda Souza<sup>1</sup>

**Resumo:** Refletir sobre os impactos das representações sociais na formação das relações do “outro” afetado pelos arquétipos e estereótipos é um caminho para compreender os processos de exclusão propiciados pela sociedade que tem o patriarcado branco como demarcador do poder hegemônico. Desse modo, este trabalho se debruça nos resultados alcançados por uma pesquisa iniciada no primeiro semestre de 2018, que se converteu na produção de uma livro-reportagem, intitulado *Na contramão do afeto: histórias e trajetórias afetivas de mulheres negras*, e um memorial descritivo frutos do trabalho de conclusão de curso (TCC), para a obtenção do título de bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo. Nesse estudo, foram analisados por meio de entrevistas realizadas com mulheres negras da cidade de Cachoeira, no Recôncavo baiano, os efeitos das violências simbólicas – que tendem a reduzir os corpos racializados à certas características da natureza, assegurando a exclusão –, na construção das relações afetivas dessas mulheres. A pesquisa foi configurada em uma abordagem qualitativa envolvendo entrevistas, possibilitando o estudo e observação das particularidades e experiências individuais.

**Palavras-chave:** Mulheres negras; Afetividade; Gênero e raça; Representações sociais;

No dia 26 abril de 2018 o telejornal baiano BATV, produzido pela Rede Bahia, filial da Rede Globo, divulgou uma pesquisa com dados do PNAD<sup>2</sup> – entre 2016 a 2017 – que apontavam um aumento de 7,7% no número de mulheres que vivem sozinhas na Bahia. Em 2016, o número total de mulheres sozinhas foi de 355, 3 mil, em todo Estado. No ano seguinte, esta quantidade cresceu para 382, 6 mil.

---

<sup>1</sup> Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, da Universidade Federal da Bahia – UFBA. [luafmsouza@gmail.com](mailto:luafmsouza@gmail.com)

<sup>2</sup> Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), para a obtenção de informações sobre características demográficas e socioeconômicas da população.

Entretanto, possivelmente, por fazer parte da maioria esmagadora dos meios de comunicação de massa que não investem no aprofundamento das temáticas e seguem à risca os critérios da objetividade e periodicidade da informação, as justificativas apresentadas para o aumento desse dado resumiu-se aos quesitos “escolha”, “viuvez” e “divórcio”; não se atentando para as questões estruturais que permeiam a intersecção entre gênero, raça e classe, e contornam o campo “matrimonial”.

Nos últimos anos, o debate sobre a afetividade do povo negro tem conseguido se apropriar de alguns espaços no campo dos estudos acadêmicos. As mulheres negras, por exemplo, tornaram-se “objetos” de pesquisas científicas a partir da década de 80, com a emergência do feminismo negro norte-americano. Antecedendo esse período, alguns escritores como o francês Frantz Fanon já escreviam sobre identidade, corpo e mente do homem e da mulher negra, pontuando as impressões do racismo na estruturação das relações.

Desse modo, atraída pelo próprio ativismo dentro do movimento negro e por pesquisas que evidenciavam o problema da solidão entre mulheres de Salvador, capital baiana; além da preocupação com a falta de estudos socioantropológicos que se debruçassem sobre tais dados, trazendo um recorte racial, a antropóloga Ana Cláudia Lemos Pacheco cunhou em sua tese de doutorado “*Branca Para Casar, Mulata Para F..., Negra Para Trabalhar*”: *Escolhas Afetivas E Significados De Solidão Entre Mulheres Negras Em Salvador, Bahia* (2005), estudos que identificam os aspectos da afetividade de mulheres negras e da solidão entre elas, nesse território. Mais tarde, em 2013, a tese deu vida ao livro intitulado “*Mulheres negras: afetividade e solidão*”, lançado pela EDUFBA<sup>3</sup>.

Neste trabalho, a autora identifica a forte influência dos fatores raça e gênero nas escolhas afetivas da população soteropolitana. As experiências de afeto das mulheres negras desse território estariam acopladas às relações de dominação do branco com o negro e do homem com a mulher, estabelecendo a elas, um espaço subjugado no mercado afetivo.

Em Cachoeira, cidade conhecida por sua riqueza arquitetônica e pela forte influência da cultura africana, presentes no perfil racial da sua população e nas manifestações culturais, como o samba de roda e o Candomblé, a presença feminina é

---

<sup>3</sup>Editora da Universidade Federal da Bahia.

maioria na população. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2010 o número de mulheres era de 16.573 e homens 15.453; maioria autodeclarados pretos e pardos. Entretanto, apesar da construção racial da população, a cidade traz consigo recortes dos problemas enfrentados pela questão da cor.

Durante a pesquisa, fora apreendido que a equação que formula os aspectos da afetividade têm seus primeiros passos na constituição familiar. O mercado matrimonial, por exemplo, é cenário para o protagonismo da violência doméstica. Não há delegacia da mulher na cidade e, quase sempre, as mulheres não sabem que são as vítimas dessa emboscada afetiva. Ser mãe, aqui, para muitas delas, é quase sinônimo de ser sozinha e enfrentar as dores provocadas pela marginalização do seu filho negro, um fenômeno constituído pela sociedade que tem o racismo como sistema de opressão.

Desse modo, o trabalho se apoiou nas trajetórias de vida das mulheres deste território e nos estudos sobre os aspectos da estruturação do racismo e machismo que incidem na afetividade. Como acentua Pacheco (2005), as experiências singulares quando relacionadas a outras experiências podem fornecer ao investigador os instrumentos necessários para compreender as relações sociais. Ser mulher negra no campo afetivo traz mais desvantagens do que vantagens na vida amorosa.

## **CAMINHOS METODOLÓGICOS**

O horizonte metodológico dessa pesquisa interagiu com o campo da sociologia das emoções quando trouxe a afetividade para o debate e se fragmentou, abrangendo outras áreas, como a antropologia dos estudos de gênero e raça e estudos culturais.

Deste modo, o trabalho adotou como técnica de pesquisa a entrevista aberta ou entrevista em profundidade<sup>4</sup>, na qual é possível analisar as histórias de vida e as experiências afetivas das mulheres negras com foco numa abordagem qualitativa. Enquanto técnica principal da Comunicação Social, Cremilda Medina (2011) compreende que a entrevista é um método que não atinge os limites proporcionados pela comunicação humana. Para haver humanização da entrevista é preciso que esta se aproxime do diálogo interativo, porque consegue promover o que ela vai chamar de

---

<sup>4</sup> Na comunicação Social a entrevista com profundidade busca, através de teorias e pressupostos, coletar respostas por meio da experiência subjetiva das fontes selecionadas.

*fenômeno da identificação*, onde o pesquisador e a fonte se interligam numa única vivência, possibilitando um maior aproveitamento de informações. O diálogo envolve a subjetividade e o imaginário das pessoas envolvidas.

Este método também é utilizado pela antropologia. Sua aplicação depende das escolas de pensamento e das abordagens teóricas. A biografia, por exemplo, como acentua Morin (1973), tem sido utilizada como método para abordar experiências de instituições, povos isolados e crenças, a partir das experiências individuais. Assim, as histórias de vida captam as diferenciações singulares das manifestações culturais. Dessa forma, proponho utilizar esta ferramenta como narrativa biográfica, numa perspectiva de compreender como se interligam as experiências afetivas, políticas e socioculturais das entrevistadas, num contexto mais amplo.

A pesquisa se dividiu em duas partes. Na primeira, foi realizada uma análise bibliográfica a partir das teorias que fundamentam as questões de raça e gênero, bem como os estudos da afetividade e autoestima (CARNEIRO, 1995; FANON, 1983; GONZÁLES, 1983; hooks, 2000; PACHECO, 2013).

No último momento, foi aplicada a pesquisa exploratória, onde foram observadas e selecionadas as fontes para a realização da entrevista, com um questionário socioeconômico e perguntas que propiciaram o desenvolvimento da conversa-diálogo, a fim de construir o produto final.

## **RAÇA, GÊNERO E RELAÇÕES AFETIVAS**

Discutir questões que englobam as mulheres negras dentro da academia nunca foi tarefa fácil, porque demanda um enfrentamento audacioso contra a classe masculina hegemonicamente branca que carrega consigo, desde o período colonial escravagista, os escudos da dominação. Os conceitos de raça em intersecção com gênero têm sido concebidos, ao longo dos anos, por muitas estudiosas negras no Brasil. Os problemas enfrentados dentro desses conceitos, se materializam exatamente por este poder que oprimiu e segue oprimindo, seja por meio das representações sociais ou pela desigualdade culturalmente impostas, às mulheres negras.

Partindo dos estudos sobre gênero apresentados por escritoras como Simone de Beauvoir (1970), Adriana Piscitelli (2009) e Judith Butler (2003), compreendo, aqui,

que o seu conceito foi formulado e difundido historicamente por pesquisadoras feministas e está relacionado aos aspectos socialmente construídos das diferenças sexuais. Em outras palavras, gênero reforça e propaga os ideais de macho e fêmea culturalmente definidos no contexto social, de acordo com as condições e lugares sociais que foram e ainda são naturalizados. À feminilidade, por exemplo, vinculou-se a ideologia do sexo frágil, dos aspectos afetivos, da delicadeza, dos serviços domésticos, da maternidade; enquanto ao ser masculino, constituiu-se o ideal da virilidade, do dominador. A naturalização dessa cultura que define o que é ser homem e mulher legitimou, ao longo do seu desenvolvimento, uma desigualdade de gênero, evidenciado nas relações onde as mulheres protagonizam papéis subordinados.

Essa definição de gênero demarcou, dentro do movimento feminista, a ideia de igualdade entre as mulheres descartando as possibilidades de percepção das diferenças que, logicamente, existiam entre elas. As diferenças de raça e condição social, por exemplo. Este problema da negação de especificidades femininas foi destacado por Ribeiro (1995) como uma adversidade do feminismo.

No decurso da luta feminina, muitos direitos reivindicados à condição do “ser mulher” numa sociedade excepcionalmente machista, foram conquistados. O direito ao voto, ao trabalho, à educação. Mas, deixou a desejar exatamente quando pensou ou esqueceu-se de refletir sobre as condições das mulheres negras que, evidentemente, sempre estiveram em situações inferiores comparadas às demais categorias, inclusive, aos homens negros. A ativista negra Luiza Bairros (1988), por exemplo, afirmava que as discussões sobre o corpo e a sexualidade para o movimento feminista expressavam a contradição com relação à realidade concreta das mulheres negras e pobres.

No entanto, ninguém melhor do que as próprias mulheres negras oprimidas, para falarem e reivindicarem por seus direitos enquanto indivíduos, contrapondo os ideais de igualdade feminina defendido pelas feministas não negras. Assim como Bairros, pensadoras negras, como Lélia Gonzáles – grande nome dos primórdios da luta feminina negra no Brasil na década de 80 – reforçava a necessidade de pensar gênero entrelaçando com raça e acentuava que, diferentemente das mulheres brancas que lutavam pelo direito ao trabalho, as negras sempre trabalharam, mesmo contra vontade e sem benefício algum, porém, brigavam para que fossem consideradas e tratadas como

pessoas. Isso porque, o problema da raça associado às desigualdades de gênero sentenciou as mulheres de cor à objetificação, destinando a elas o tratamento desumano. Esta sentença fora assinada desde o período escravagista quando as mulheres negras se viram em condições de escravas e de objeto sexual dos *sinhozinhos* e dos seus primogênitos.

Sueli Carneiro comenta sobre essa relação forjada pela escravidão, em seu artigo *Gênero e Raça*, publicado no livro *Gênero, Democracia e Sociedade brasileira*:

No Brasil, o estupro colonial perpetrado pelos senhores brancos portugueses sobre negras e indígenas está na origem de todas as construções sobre a identidade nacional e construções hierárquicas de gênero e raça presentes em nossa sociedade. (2002; p.169)

E completa:

A expressiva massa de população mestiça, nascida da relação subordinada de mulheres escravas negras e indígenas com seus senhores, tornou-se um dos pilares estruturantes da decanta “democracia racial” brasileira. (ibid.)

É sabido que a sociedade brasileira é produto da participação de africanos que foram trazidos ao país para serem escravizados com outros povos de distintas origens. Com a formação desse povo, os denominados afrodescendentes – porque trazem a ascendência cultural africana, material e imaterialmente – alguns conceitos foram surgindo em rejeição à raça negra. Esses conceitos fundamentaram e fundamentam ainda hoje a exclusão do negro na sociedade. A escravidão foi o primeiro acontecimento, até que estabeleceram ideologias de embranquecimento da raça, como a mestiçagem, que pregava a integração dos negros a partir da assimilação dos valores brancos e propagavam a não existência das diferenças raciais no país.

Em seu artigo sobre o efeito do sexo, Osmundo Pinho, ao citar o pensamento de Peter Wade, discorre sobre os discursos da mestiçagem explorados por Nina Rodrigues, Paulo Prado, Gilberto Freyre e outros escritores que fundamentaram as teorias do embranquecimento e fortaleceram o mito da democracia racial:

[...] a discursividade sobre a miscigenação no Brasil produziu o mestiço como um objeto indeterminado, incapaz de propor-se como um sujeito. Este objeto, o mestiço ou a cultura miscigenada, está eivado de componentes raciais e de controle social, é por outro lado, parte da estratégia de bio-poder característica das formações sociais latino-americanas (WADE, 2003, apud. PINHO, 2004; p.104)

Para as mulheres negras, além dos resquícios da brutalidade da escravidão, o sistema colonial estruturou e impetrou na sociedade brasileira representações sociais que configuram o “ser mulher negra” dentro do regime racista. Os termos *mulata* e *doméstica*, muito conhecidos, retratam os lugares que foram incorporados a essas

mulheres. Sueli Carneiro (2002, p.171)) reflete que a partir desse cenário “*a mulher negra será retratada como exótica, sensual, provocativa enfim, com fogo nato*”. Essas “qualidades” machistas são atribuídas àquelas julgadas mulatas, porque não são retintas, e são consideradas boas de cama. Àquelas mulheres negras que são destituídas de tais qualidades, restam-lhe somente os afazeres domésticos ou o romantizado cargo de *mãe-preta* (babá).

Estes lugares assegurados para as negras foram congelados pelos efeitos da discriminação racial que produziu, também, desemprego, habitação de má qualidade, educação inadequada e atendimento médico precário para a população negra, como denuncia Angela Davis, em *Mulheres, raça e classe* (2013; p. 17).

Para Gonzáles (1984), o engendramento das representações sociais das figuras da *mulata* e *doméstica* é produto daquilo que o mito da democracia racial oculta com o propósito de se fortalecer. Tais termos advém de outro, utilizado bastante no período escravagista: mucama (palavra de origem quimbundo), definida pelo Aurélio como “*escrava negra escolhida para auxiliar nos serviços caseiros ou acompanhar pessoas da família e que, por vezes, era ama-de-leite*. (Ibid. p.229)

Em seu artigo sobre *Racismo e sexismo na cultura brasileira*, ela discorre:

O lugar em que nos situamos determinará nossa interpretação sobre o duplo fenômeno do racismo e do sexismo. Para nós o racismo se constitui como a sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira. Nesse sentido, veremos que sua articulação com o sexismo produz efeitos violentos sobre a mulher negra em particular. Conseqüentemente, o lugar de onde falaremos põe um outro, aquele é que habitualmente nós vínhamos colocando em textos anteriores. E a mudança foi sedando a partir de certas noções que, forçando sua emergência em nosso discurso, nos levaram a retornar a questão da mulher negra numa outra perspectiva. Trata-se das noções de mulata, doméstica e mãe preta. (ibid.p.224)

Tais noções foram identificadas por Osmundo Pinho em sua pesquisa sobre a cultura negra no Estado da Bahia. A estigmatização de estereótipos consagrados às mulheres negras segue diminuindo a sua existência e fortalecendo a dualidade racismo-sexismo. A fixação da *mulata* transformou o território baiano num espaço livre para *safári sexual colonial*; uma espécie de prostituição étnica. Outras duas representações fortes nesse Estado é o da *baiana do acarajé*, que já se tornou uma figura folclórica na capital Salvador e, segundo o autor, é uma repetição da imagem de crioula escrava; e a *empregada doméstica, criada ou ama-de-leite*. Os dois últimos, para o autor, são

conceitos vistos como trabalho escravos e, por isso, promovem a desqualificação do trabalho informal exercido por parte das mulheres negras na Bahia. (PINHO, 2004)

Luiza Bairros, em suas reflexões feministas, compreendendo o pensamento de Collins (1989), reforça:

A supressão ou aceitação condicional do nosso conhecimento é sempre uma possibilidade mesmo nos contextos que dependem de nossa atuação. Mais especificamente nossa posição pode ser melhor compreendida através do lugar ocupado pelas empregadas domésticas. Um trabalho que permitiu a mulher negra ver a elite branca a partir de uma perspectiva a que os homens negros e nem mesmo os próprios brancos tiveram acesso. (BAIRROS, 1995; p. 463)

Dialogando com as observações de Pinho e Bairros, bem como as considerações de bell hooks acerca da produção histórica dos corpos femininos, a partir das experiências culturais, como o *ato de amar e ser amada*, Pacheco (2005) comenta que tais representações sociais ordenam a vida e afetividade dessas mulheres.

Falar de afetividade, de escolhas, de solidão é colocar em xeque(desmontar) os sistemas de preferências que prescindem a ideia de brasilidade, posto que as mulheres negras aparecem como corpos sexuados e racializados, não afetivos, na construção da Nação. (p.29)

Em seu trabalho *Pele negra, máscaras brancas*, Fanon (1983) observa que a vida para a mulher negra ecoa mais difícil, pois o racismo, enquanto sistema de opressão, se expressa no corpo, na linguagem, na imagem, na sexualidade, no campo da afetividade e na regulação das preferências afetivo-sexuais do indivíduo. Hooks complementa essa análise discorrendo sobre a pouca ou nenhuma afetividade na vida de mulheres negras que, como consequência desse racismo que afeta as relações, torna-se uma verdade privada pouco discutida em público, indicando o quanto é doloroso debater o tema.

Nossas dificuldades coletivas com a arte e o ato de amar começaram a partir do contexto escravocrata. Isso não deveria nos surpreender, já que nossos ancestrais testemunharam seus filhos sendo vendidos; seus amantes, companheiros, amigos apanhando sem razão. Pessoas que viveram em extrema pobreza e foram obrigadas a se separar de suas famílias e comunidades, não poderiam ter saído desse contexto entendendo essa coisa que a gente chama de amor. Elas sabiam, por experiência própria, que na condição de escravas seria difícil experimentar ou manter uma relação de amor. (hooks, 2000; p.02)

A autora atenta, também, para a negligência com o sentimento e saúde emocional de mulheres negras. As atrocidades cometidas desde o período da escravidão remeteram-nas à uma rejeição das emoções e negação das necessidades mais íntimas. Isto, claro, corresponde a todos os problemas enfrentados na construção da feminilidade negra.

Da hipersexualização dos seus corpos por parte do homem branco às definições preestabelecidas do padrão de beleza e de parceiras matrimoniais que, obviamente, são correspondentes às mulheres brancas; isso gerou uma interiorização do racismo pelos homens negros que, seduzidos pelos modelos ideológicos de dominação colonial, veem-se negando suas raízes, sua cultura e, conseqüentemente, negando a si próprio e rejeitando afetivamente pessoas da mesma cor. Desse modo, homens negros tendem a preterir mulheres negras.

Pensando por este caminho apresentado até aqui, fica evidente o percurso feito pelo “racismo” para efetivar e propagar a não-afetividade de mulheres negras. Para o homem negro, que também é vítima das estruturas do racismo, há outras vias de acesso, e quase sempre, é a competição pelo afeto das não negras. Este homem vive em constante amostra da sua masculinidade e capacidade de ser amado pelo mesmo padrão de mulher do homem branco (seu concorrente por séculos).

Aquele que se casa com mulheres da mesma cor, tende a ser mais perseguido pelo sistema carcerário ou pelas políticas de genocídio da raça negra. Às mulheres, restam-lhe a solidão de verem seus filhos e maridos dizimados por uma estrutura falida e medíocre que determina, sob critérios de cor, quem é vítima e vilão. Isso vale, também, para os homens negros embranquecidos, porém, suas táticas de desvio da raça “amenizam” sua negritude, levando-o ao status de negro em ascensão. Obvio, o mais preto será sempre o vilão. E isso remete a todos os problemas enfrentados por estes corpos sem perspectiva de futuro, sem oportunidades e sem o direito de existir.

Germaine Guex, ao analisar os processos da afetividade em sua obra sobre a síndrome do abandono, salienta que:

Esta não-valorização de si, enquanto objeto digno de amor, tem graves conseqüências. De um lado mantém o indivíduo em um profundo estado de insegurança interior, e por isso inibe ou falseia qualquer relação com o outro. O indivíduo duvida de si próprio enquanto objeto capaz de suscitar a simpatia ou o amor. A não valorização afetiva é observada unicamente nos seres que sofreram uma carência de amor e de compreensão durante a primeira infância.” (GUEX, 1973 apud FANON, 1983; p.78)

Para a elaboração deste trabalho, foi compreendido como conceito de afetividade, todo e quaisquer sentimentos construídos individualmente, a partir das experiências vivenciadas dentro de um determinado grupo, seja familiar ou não. Afeto seria a soma das emoções experimentadas através do contato físico ou não. Pode ser positivo ou negativo. Amor é um afeto, ódio também.

## MULHERES NEGRAS CACHOEIRANAS

A pesquisa para este trabalho foi realizada em Cachoeira, em 2018, durante o primeiro semestre, através do processo de observação das fontes, relatos orais e pesquisas bibliográficas sobre racismo, sexismo, afeto e solidão das mulheres negras. Nesse período, foram estabelecidos contatos diretos com algumas mulheres e histórias que exemplificam os impactos da estruturação do racismo na vida da mulher negra.

Apenas cinco histórias foram contadas e, em todas, foi possível perceber nitidamente os aspectos que incidem na necessidade de racionalizar afetos como mecanismo de autodefesa às práticas racistas e sexistas. Intencionalmente, foram selecionadas duas mulheres da mesma idade, porém, com situações socioeconômicas e escolaridades distintas. Uma ligada ao ativismo, graduada e militante das causas negras. A segunda, trabalhadora doméstica, sem formação e sem atuação em movimentos sociais. A proposta não foi expor ou negar as percepções políticas, mas mostrar as formas de protagonismo do racismo e machismo na construção afetiva de cada uma.

Em seguida, foi selecionada uma mulher mais jovem que cresceu sem a presença materna. O objetivo era mostrar a importância dessa representação feminina nos processos de constituição das relações do indivíduo. No decorrer da entrevista, identificou-se o problema da violência sexual em sua trajetória, fator relevante para o debate sobre as condições sexuais das mulheres negras perante a sociedade.

Por último, foi escolhida uma idosa com o propósito de explorar a solidão na velhice e os resquícios de uma história marcada pelos problemas afetivos, como as traições no casamento, a dificuldade de encontrar um par e de criar os filhos sem ajuda de terceiros. Coincidentemente, trata-se de uma mulher candomblecista, neta de mulher negra escravizada que aprendeu e ensinou-a o valor da liberdade.

A última história narrada é da autora que se integrou ao processo narrativo como forma de destacar as semelhanças e diferenças entre as experiências das mulheres negras, mostrando as várias facetas e instâncias do racismo na consolidação dos afetos. O objetivo era, também, a integração no processo proposto e reafirmação da condição de mulher negra, rompendo com os modelos de trabalhos acadêmicos cujo autor não expõe sua história e opinião.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para além da riqueza das narrativas contadas e memoradas, *Na contramão do afeto: histórias e trajetórias afetivas de mulheres negras* contorna o olhar para outras percepções que trazem consigo resquícios do período escravocrata instalado, também, em Cachoeira – cidade valorizada e contemplada, hoje, pela historicidade cultural e simbologia ancestral do seu povo. Esse olhar está dirigido para as mulheres que compõem e ajudaram a construir as lembranças deste lugar, porém, com as ações do tempo e a constituição da sociedade, tiveram suas trajetórias marcadas por dores e fraquezas silenciadas pela imposição social que as obrigam a serem exemplos de fortalezas e ignoram seus afetos.

O tema abordado evoca uma série de fatores que permeiam as mulheres negras e se apresenta, também, como um mecanismo de denúncia às situações vivenciadas por elas que são vistas como pilares de concreto das relações, onde seus sentimentos são colocados como indiferentes e, quando pobres, seguem padecendo nas condições subumanas diante da sociedade machista e racista, na qual sua sobrevivência depende única e exclusivamente da sua predisposição a continuar sangrando com as chibatadas das desigualdades. É importante dar voz a essas histórias e inibir o silenciamento da comunidade negra, em especial, das mulheres negras.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAIROS, Luíza. **Nossos feminismos revisitados**. Revista Estudos Feministas, V.3, nº 2, IFCS / UFRJ, R.J, 1995.
- \_\_\_\_\_. **Mulher negra: o reforço da subordinação**. In: João José Reis (org.). *Escravidão e invenção da liberdade, Estudos sobre o negro no Brasil*, São Paulo: Brasiliense, 1988.
- BARROS, Zelinda dos Santos. **Casais inter-raciais e suas representações acerca de raça**. (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia, 2003).
- BRANDÃO, Helena H. N. 2004. **Introdução à Análise do discurso**. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 2a. ed. rev.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. (Cap. 1, pp. 17- 60)
- CARNEIRO, Suely. **Gênero, Raça e Ascensão Social**, Estudos Feministas, V-3, nº 02, 1995.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

FANON, Franz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**, tradução de Maria Adriana da Silva Caldas, Ed. Fator, Rio de Janeiro, 1983.

FIGUEIREDO, A. **Fora do jogo: a experiência dos negros na classe média brasileira**, Cadernos Pagu (23), julho-dezembro de 2004.

GONZALEZ, Lélia. “**Racismo e sexismo na cultura brasileira**”. In: SILVA, L. A. et al. Movimentos sociais urbanos, minorias e outros estudos. Ciências Sociais Hoje, Brasília, ANPOCS n. 2, p. 223-244, 1983.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**, tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro -7ª ed.-Rio de Janeiro:DP&A, 2003.

HASENBALG, Carlos. **Discriminação e Desigualdades Raciais no Brasil**. Rio de Janeiro, Graal, 1979.

HOOKS, b. **Intelectuais Negras**. Revista Estudos Feministas, V.3, nº 2 , 1995.

\_\_\_\_\_. **Vivendo de amor**. In: Werneck, J. O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe. Rio de Janeiro: Pallas: Criola, 2000, P.197.

JULIO, Ana Luiza. **Por uma visão psicossocial da autoestima de negros e negras**. Protestantismo em Revista, São Leopoldo-RS, V.24. Jan-Abr-2011.

LORDE, Audre.**Os usos do erótico: o erótico como poder**. Traduzido por Tatiane Santos. Disponível em: <https://cadernetafeminista.wordpress.com/2015/07/09/os-usos-do-erotico-o-erotico-como-poder-por-audre-lorde/>. Acesso: 20/06/2018.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista: O diálogo possível**. 1.ed. São Paulo: Ática, 2011.

MORIN, Edgar. **A entrevista nas Ciências Sociais, na rádio e na televisão**. In: MOLES, Abraham A. et alii. *Linguagem da Cultura de Massa*. Petrópolis, Vozes, 1973.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil – identidade nacional versus identidade negra**, Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PACHECO, Ana Cláudia Lemos. **Raça, gênero e escolhas afetivas: uma abordagem preliminar sobre solidão entre mulheres negras em Salvador, Bahia**, Temáticas, Campinas, 11(21/22): 11-48, jan./dez.2003. pp.11-48.

\_\_\_\_\_.**“Branca para casar, mulata para “F” e negra para trabalhar”**: escolhas afetivas e significados de solidão entre mulheres negras em Salvador, Bahia. 2008. 317 p. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2008.

\_\_\_\_\_.**Mulher negra: afetividade e solidão**. Edufba, Salvador, 2013.

PINHO, Osmundo de Araújo. **O efeito do sexo: políticas de raça, gênero e miscigenação**, Cadernos Pagu (23), julho-dezembro de 2004, pp 89-119.

\_\_\_\_\_. **Etnografias do brau: corpo, masculinidade e raça na reafricanização em Salvador**, Estudos Feministas (v.13, n.1), 2005.

PISCITELLI, Adriana. **Gênero: a história de um conceito**. In: BUARQUE DE ALMEIDA, H.; SZWAKO, J. (org.). Diferenças, igualdade. São Paulo: Berlendis&Vertecchia, 2009. pp. 116-148.

PORTELLA, Ana Paula. “**Novas faces da violência contra as mulheres**”. P. 93-99. OLIVEIRA, S. e CASTILLO-MARTÍN, M. (org.). *Marcadas a ferro*. Brasília, 2005.

RIBEIRO, M. Mulheres negras brasileiras: de Bertiooga a Beijing. *Revistas de Estudos Feministas*,v. 3, n.2, p.446-457, 1995